

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e
Sociedade (CPDA)



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas
com a agricultura
Período de Análise: 01 a 31 de Outubro de 2008.
Área Temática: Biocombustíveis**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da Abag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Revista Isto é Dinheiro Rural
Revista Globo Rural

Assistente de Pesquisa: Karina Kato

Índice

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL.....	4
Etanol	4
Cosan Ltd. vai comprar ações da subsidiária brasileira Cosan – Folha de São Paulo – Dinheiro – 09/10/2008.....	4
Credit Suisse passa a deter 10% da Cosan – Folha de São Paulo – Dinheiro – 14/10/2008.....	4
Crise deve afetar setor sucroalcooleiro – Folha de São Paulo – Dinheiro – 14/10/2008.....	5
Agrocombustíveis são a manifestação "mais perversa" do controle transnacional no campo – Sítio Eletrônico do MST - <i>Manoela Sisa, de Caracas</i> – 13/10/2008.....	5
POLÍTICA NACIONAL DE BIOCOMBUSTÍVEIS	7
Biodiesel	7
MP constata irregularidades em corte de cana no interior de SP – Sítio Eletrônico da CPT – 10/10/2008.....	7
AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL.....	7
Etanol	7
Etanol impressiona presidente da Mitsubishi – Mariana Barbosa – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 16/10/2008.....	7
Usina é a nova vítima de derivativos – Gustavo Porto – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 17/10/2008.....	8
Discurso pró-Doha tenta neutralizar protecionismo – Adriana Chiarini – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 17/10/2008.....	10
Gávea vai aumentar aporte na Cosan – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 17/10/2008.....	11
Crise deve afetar setor sucroalcooleiro – Folha de São Paulo – Dinheiro – 14/10/2008.....	12
Indústria sucroalcooleira já se desacelera – Agnaldo Brito – Folha de São Paulo – Dinheiro – 15/10/2008.....	12
Crise paralisa novos projetos de usinas de açúcar e álcool – Marcelo Toledo e Lucas Reis – Folha de São Paulo – Dinheiro - 25/10/2008.....	13
POLÍTICA NACIONAL DE BIOCOMBUSTÍVEIS	14
Etanol	14
Consea debate produção dos agrocombustíveis – Sítio Eletrônico do MDS – 29/10/2008.....	14
Não haverá plantio de cana-de-açúcar no Pantanal, garante Minc – Sítio eletrônico do MMA – Carlos Américo - 30/10/2008.....	15

RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	16
Etanol	16
Republicano pede fim de taxaço a etanol brasileiro – Estado de São Paulo – Internacional – 16/10/2008.....	16
França vai cortar subsídio ao etanol – Jamil Chade – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 21/10/2008.....	16

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL

Etanol

Cosan Ltd. vai comprar ações da subsidiária brasileira Cosan – Folha de São Paulo – Dinheiro – 09/10/2008

A Cosan Ltd., baseada nas Bermudas, informou que irá comprar ações ordinárias da subsidiária brasileira Cosan S.A., um dos maiores grupos de açúcar e álcool do Brasil. "Quaisquer compras, caso efetuadas, serão realizadas na Bolsa de Valores de São Paulo, considerando o atual preço de mercado, e a Cosan Limited vai decidir de tempos em tempos o número de ações que serão compradas", informou em comunicado.

As ações da Cosan S.A. caíram mais de 4% na manhã de ontem, cotadas a cerca de R\$ 11, o menor nível desde a oferta pública inicial na Bovespa, no final de 2005.

Nos próximos 180 dias, a Cosan Ltd. pode comprar até 8 milhões de ações, o equivalente a 3% do fundo de capital da Cosan S.A., ou até US\$ 50 milhões. As compras não vão reduzir a quantidade de ações no mercado da Cosan S.A. abaixo da fatia mínima de 25%, definida pelas regras do mercado local.

Credit Suisse passa a deter 10% da Cosan – Folha de São Paulo – Dinheiro – 14/10/2008

A corretora Credit Suisse Hedging-Griffo comunicou ontem que passou a deter 10,44% do capital da Cosan, por meio de compra de ações disponíveis na BMF&Bovespa. Pela cotação média de ontem, o Credit Suisse investiu R\$ 346 milhões nos papéis.

No dia, a valorização das ações da Cosan foi de 7,55%. De 1º de agosto até ontem, no entanto, os papéis da fabricante de açúcar e etanol perderam 60% de seu valor.

Além da crise, a empresa enfrenta perspectivas difíceis com a redução no preço do etanol e com o endividamento trazido com a compra da Esso.

Há duas semanas, a gestora de recursos Gávea anunciou investimentos de até US\$ 130 milhões em ações da Cosan Ltda.

Crise deve afetar setor sucroalcooleiro – Folha de São Paulo – Dinheiro – 14/10/2008

A crise de crédito é uma ameaça à expansão do setor sucroalcooleiro no Brasil e pode reduzir a demanda por etanol, com as previsões de uma desaceleração nas vendas de carros flex, disse a trading ED&F Man, num relatório mensal divulgado ontem.

Alívio só para os exportadores, que vão se beneficiar com a desvalorização do real. Com o dólar fortalecido, a tendência seria uma alta de investimentos, o que não deve ocorrer, com o crédito curto.

O crédito menor também limita as vendas de carros flex, responsáveis em boa parte pela demanda doméstica do setor. "O aumento anual na demanda pode ver uma desaceleração significativa para a próxima temporada", diz o estudo.

Agrocombustíveis são a manifestação "mais perversa" do controle transnacional no campo – Sitio Eletrônico do MST - *Manoela Sisa, de Caracas* – 13/10/2008

Em defesa do milho como identidade latinoamericana, organizações sociais reiteraram a condenação, neste domingo (12/10), da produção de agrocombustíveis ao qualificar como "perversa" a apropriação do cereal, base da cultura alimentar da região, para a produção do etanol.

"Os interesses das transnacionais em torno do milho se manifestam de maneira mais perversa nos agrocombustíveis que não são uma fonte de energia", diz a resolução final do Encontro "Somos de milho", realizado em Caracas, depois de três dias de debate sobre a preservação do grão e suas variedades.

Na avaliação de Ivan Gil, presidente do Instituto Nacional de Investigação Agrícola (INIA) da Venezuela, a produção do etanol à base de milho "é exemplo de um modelo ineficiente (de energia alternativa)" para sustentar "o alto consumo" dos Estados Unidos.

Gil destacou que a produção do agrocombustível estadunidense já está afetando o mercado mundial de cereal.

De acordo com o Departamento de Agricultura dos EUA (USDA nas siglas em inglês) 32% da colheita de milho dos EUA no ciclo 2008/09, equivalente a 104,1 milhões de toneladas, serão destinados à produção de etanol.

"Essa cifra equivale a 80 vezes o consumo anual da Venezuela", destacou Ivan Gil. "O preço do cereal e seus derivados se triplicaram em relação ao desequilíbrio da oferta e demanda", acrescentou.

O deslocamento de pequenos produtores de suas terras, a precarização das condições de trabalho no campo e a substituição do plantio de alimentos para dar lugar à cana-de-açúcar mereceram destaque quando o debate deu foco à produção do etanol brasileiro.

Crise alimentar - Alexandre Conceição, do MST destacou, que na esteira da produção dos agrocombustíveis, houve especulação nos mercados de cereais, o que contribuiu para incrementar os preços dos alimentos.

"A crise é parte de uma estratégia do mercado de alimentos que está obtendo lucros por meio da especulação que está gerando mais fome e miséria", afirmou.

Conceição destacou, porém, que a crise alimentar que afeta principalmente os países do terceiro mundo, não deve ser dissociada do problema de acesso aos alimentos.

" A crise alimentar sempre existiu, a fome está presente há muito tempo para os povos que não têm como comprar e plantar seu alimento", acrescentou Conceição, ao citar o trabalho realizado em 1946 pelo geógrafo brasileiro Josué de Castro no livro Geografia da Fome.

"Banco" de sementes - Entre as ações concretas propostas pelos participantes do Encontro aparece uma antiga reivindicação da Vía Campesina Internacional que trata da necessidade de criar uma rede de "resgate, produção e conservação das sementes agroecológicas como patrimônio da humanidade".

Outra proposta é a de criar uma rede de trabalho e diálogo entre as organizações sociais e governos para coordenar um intercâmbio de experiências e técnicas agrícolas.

Nos casos em que os governos atentem contra a soberania alimentar da população, o chamado é de partir para a "mobilização".

"Fomos, somos e seguiremos sendo de milho" foi a palavra de ordem defendida pelas organizações sociais que se comprometeram a travar uma luta para mostrar que o milho é mais do que uma mercadoria. " A luta pela preservação do milho vai de mãos dadas com a luta pela terra", afirmaram.

Participação - Durante o debate da manhã deste domingo, logo depois de o vice-ministro Agricultura Richard Canan detalhar os avanços da legislação agrária venezuelana, um agricultor se levantou, com a Constituição "desembainhada", exigindo que os conceitos de "democracia participativa e protagônica" que aparecem na Carta Magna fossem efetivamente respeitados pelas instituições governamentais.

No mesmo sentido se inclinou a reivindicação de outro agricultor ali presente, destacando que a tarefa do Ministério não deve se limitar à proporcionar assistência técnica para auxiliar a produção agrícola.

"Nós, os camponeses, queremos aprender essas técnicas, queremos estudar para que sejamos capazes, nós mesmos, de produzir nossos produtos e pedimos que o governo disponha essa capacitação para os agricultores", reivindicou.

Pouco depois, Alexandre Conceição foi mais além, ao afirmar que sem a mudança do sistema de produção capitalista não há possibilidade de realizar a reforma agrária e tornar efetiva a transformação das condições de vida no campo.

"Não se trata só de distribuir a terra e sim assumir a reforma agrária como um caminho para o desenvolvimento da América Latina", afirmou.

"Não há saída para a transformação dessa realidade, nem aqui na Venezuela, nem em outro país, dentro do modelo capitalista de produção", acrescentou.

Além dos seminários, delegações de vários países da América Latina mostraram um pouco da cultura do milho na culinária.

Cuscuz, bolo, sopa andina, entre outras iguarias feitas de milho foram distribuídas aos participantes do encontro e também aos desavisados que foram ao Parque Francisco de Miranda, no leste de Caracas, aproveitar o domingo de sol.

POLÍTICA NACIONAL DE BIOCOMBUSTÍVEIS

Biodiesel

MP constata irregularidades em corte de cana no interior de SP – Sítio Eletrônico da CPT – 10/10/2008

O Ministério Público do Trabalho de Bauru, interior de São Paulo, realizou uma inspeção em lavouras de cana da Usina Clealco S.A, no município de Queiroz (SP), no dia 9 de outubro. Os procuradores foram até o local investigar irregularidades denunciadas pelo Sindicato de Trabalhadores Rurais de Tupã. Eles flagraram trabalhadores utilizando óculos impróprios, Equipamentos de Proteção Individual deteriorados, ônibus sem autorização de uso e foi constatado que não existiam assentos, mesas, abrigos e nem banheiros separados por sexo. Os procuradores realizaram um ação judicial contra o Grupo Clealco S.A junto a Vara do Trabalho de Tupã e determina que a empresa pague uma multa de R\$ 2.484.000 devido à comprovação das violações aos direitos coletivos, além de uma multa diária até que as irregularidades sejam resolvidas. Em maio deste ano, o Ministério do Trabalho já havia interditado o corte de cana da Usina devido aos prejuízos causados aos trabalhadores pelo fogo e fumaça da queima.

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL

Etanol

Etanol impressiona presidente da Mitsubishi – Mariana Barbosa – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 16/10/2008

Na primeira visita de um presidente mundial da montadora japonesa Mitsubishi ao Brasil, o “passeio turístico” incluiu visitas a postos de combustíveis. No cargo desde 2005, Osamu Masuko, 59 anos, queria entender como as pessoas abastecem os carros flex no Brasil. “Fiquei impressionado ao ver as bombas de álcool espalhadas pela cidade”, disse Masuko. “A capacidade de produzir etanol é a grande arma do Brasil.”

O passeio, na verdade um deslocamento entre reuniões nos três dias de visita ao País, foi feito em uma Pajero flex, cujo motor foi desenvolvido por meio de uma parceria entre Brasil e Japão. “Foi um grande trunfo para nós desenvolver esse motor flex e isso está abrindo mercado para nós na Europa”, afirmou Masuko, que hoje visita a fábrica em Catalão, Goiás. “O modelo flex que teremos na Europa não terá a mesma tecnologia, mas a engenharia básica e o método de desenvolvimento brasileiro serão aproveitados.”

Questionado sobre o futuro da tecnologia flex e a preferência do Japão pelo carro elétrico, Masuko respondeu que o Japão “não pode se dar ao luxo de desistir do etanol”.

“Mas, como vendemos para todo mundo, temos de ter produtos para todos os segmentos: flex, elétrico, híbrido”, completou.

Responsável por reerguer a montadora, que há cerca de quatro anos estava à beira da falência, Masuko veio ao País reafirmar o compromisso com os investidores brasileiros Eduardo Souza Ramos e Paulo Ferraz, responsáveis pela produção e as vendas da marca no Brasil. Recentemente, a revelação de que Ramos se associou à Suzuki levou à especulação sobre o rompimento na parceria. “Jamais pensamos em comprar a empresa no Brasil, nem passou pela nossa cabeça concorrer com eles.”

O Brasil é o sétimo maior mercado para a Mitsubishi. A montadora tem 1,3% do mercado nacional e deve registrar, este ano, crescimento de 48%. A venda de nacionais e importados deve passar de 31 mil para 46 mil veículos. “Apesar de toda essa crise mundial, nossa política para o Brasil não muda.”

Ferraz e Souza Ramos estiveram no Japão recentemente avaliando alternativas de modelos para fabricar no Brasil. Atualmente, a empresa produz apenas quatro modelos: os utilitários esportivos Pajero Sport e TR4 e as picapes Triton e L200. “Estamos discutindo a possibilidade de vir a fabricar um modelo pequeno e urbano”, afirmou Souza Ramos. A empresa também pretende realizar estudos de viabilidade para trazer o Miev, modelo de carro elétrico que chega ao mercado mundial em julho do ano que vem.

Usina é a nova vítima de derivativos – Gustavo Porto – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 17/10/2008

A Santelisa Vale, uma das maiores produtoras de açúcar e álcool do País, é a mais nova vítima de operações de derivativos no mercado de câmbio. Com a alta do dólar, suas dívidas em moeda americana também dispararam. Essas operações trouxeram dívidas de cerca de US\$ 300 milhões (o equivalente a R\$ 630 milhões) para a empresa. A Santelisa fatura cerca de R\$ 1,5 bilhão por ano.

O diretor financeiro da Santelisa, Mark Garman, diz que o valor dessa dívida é compatível com a arrecadação em dólares com as exportações de açúcar e álcool da empresa. As vendas externas anuais da Santelisa, diz ele, também somam cerca de US\$ 300 milhões. “Nossa receita com exportações é proporcional às dívidas”, disse.

A Santelisa Vale é o quarto grande grupo nacional a reconhecer os efeitos de operações de derivativos de câmbio em seu balanço financeiro. Antes dela, Sadia, Aracruz e Votorantim haviam anunciado perdas bilionárias com apostas na valorização do real. Assim como os três outros grupos, a Santelisa comprou derivativos que apostavam na apreciação do real - e sofreu com a forte virada do mercado.

Em alguns casos, as perdas das empresas são multiplicadas em escala exponencial cada vez que o dólar atinge um novo patamar. Já nos contratos da Santelisa, diz Garman, os

pagamentos que a empresa precisa fazer são diretamente proporcionais à variação do câmbio. “É um para um”, diz Garman.

REFINANCIAMENTO - A Santelisa está conversando com bancos para refinar sua dívida total de curto prazo, que chega a R\$ 1 bilhão. Garman afirma que se trata de um processo de rotina. Ele disse que “mais da metade” do R\$ 1 bilhão já foi renegociada para ser paga em prazos mais longos.

O resto, diz ele, é capital de giro para financiar o estoque de açúcar e álcool que, devido ao final da safra, está no nível máximo. “A gente está refinanciando todas as dívidas de curto prazo, os bancos estão recebendo muito bem a estratégia da empresa e estamos tendo sucesso no refinanciamento das linhas de curto prazo, pois o plano da empresa é consistente”, disse Garman.

O executivo disse que a exposição cambial no curto prazo de US\$ 300 milhões “é condizente com o nível de exportação” da companhia. “Buscamos agora, com essa variação cambial que trouxe um aumento na dívida, alongar isso para recuperar esse ajuste nos próximos 12 meses, pois tentamos adequar a exposição cambial ao nível de exportação da companhia.”

VENDA DE ATIVOS - Garman informou ainda que a empresa levanta recursos por meio de vendas de propriedades rurais, mas afirmou que as negociações, iniciadas em abril deste ano, ocorrem por uma estratégia da companhia de se desfazer de ativos com rendimentos menores. “São coisas pequenas para apoiar o crescimento da empresa, que inclui a construção do pólo alcolquímico com a Dow”, afirmou o executivo, sem revelar os valores arrecadados com a negociação.

“Vendemos uma fazenda agora e não é tão relevante, mas estamos em estudo para definir quais propriedades serão vendidas”, completou. No mercado, estima-se que o grupo pode vender propriedades no valor de R\$ 200 milhões.

Garman não quis comentar os rumores de mercado que acionistas da Santelisa Vale estariam negociando a participação na Sermatec, indústria especializada na fabricação de máquinas e equipamentos para usinas de açúcar e álcool. Assim como a Santelisa, a Sermatec é controlada pela família Biagi, da região de Ribeirão Preto, no interior de São Paulo. “Não somos donos da Sermatec e não posso falar”, disse Garman.

SÓCIOS - O executivo disse ainda que a dívida de mais de R\$ 1 bilhão contraída no ano passado com bancos para comprar ações de alguns sócios e viabilizar a fusão das usinas Santa Elisa e Vale do Rosário - o que deu origem à Santelisa Vale - foi reduzida no início de 2008 para menos de R\$ 300 milhões, com a entrada de novos associados, como o BNDESPar (braço de participações em empresas do BNDES) e o banco americano Goldman Sachs.

A Santelisa Vale é dona das usinas Santa Elisa, Vale do Rosário, MB e Jardest, todas na região de Ribeirão Preto e detém 65% da Continental, em Colômbia (SP) e 50% da

Tropical Bioenergia, construída em Edéia (GO) por meio de uma parceria com o Grupo Maeda.

A empresa tem ainda 72% da Crystalsev, trading que, além de negociar açúcar e álcool, é sócia da Dow na construção do pólo alcoolquímico para a produção de plástico a partir de etanol, em Minas Gerais, cujos investimentos chegam a US\$ 1 bilhão.

Discurso pró-Doha tenta neutralizar protecionismo – Adriana Chiarini – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 17/10/2008

Pronunciamentos recentes do G-8 e de autoridades, como o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o secretário de Comércio dos Estados Unidos, Carlos Gutierrez, a favor de um acordo da Rodada de Doha da Organização Mundial do Comércio (OMC) têm um sentido político importante de evitar nova onda protecionista como a que aprofundou a depressão dos anos 30, mesmo que, na prática, seja difícil conseguir um acordo agora. A opinião é de especialistas ouvidos pela Agência Estado.

“A declaração do G-8 é certamente positiva”, diz o presidente do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri) e ex-ministro da Indústria e Comércio, José Botafogo Gonçalves. “Sempre que há recessão o protecionismo ganha força e quem mantém a racionalidade diz que mais proteção é menos comércio, menos atividade econômica e mais recessão”, completa. No entanto, ele observa que apesar de esforços como os do governo brasileiro, as eleições nos Estados Unidos e a necessidade de aprovação pelo Congresso americano dos termos acordados dificultam muito a conclusão da Rodada da OMC.

“Concluir Doha seria um antídoto preventivo vigoroso ao protecionismo. Seria uma vacina para evitar o que aconteceu com a crise de 29, quando aumentou o protecionismo, que é visto hoje até como uma das causas da 2ª Guerra Mundial”, disse o ex-ministro da Economia Marcílio Marques Moreira.

O protecionismo na década de 30 foi citado por Gutierrez na visita que fez ao Brasil na semana passada como um dos maiores erros daquela crise. O próprio início da Rodada de Doha se deu no fim de 2001, após os ataques terroristas de 11 de setembro nos Estados Unidos.

“Mas ali, o governo Bush tinha apoio do Congresso americano. Agora, já não tenho tanta certeza”, diz a pesquisadora da Fundação Getúlio Vargas Lia Valls Pereira, especialista em comércio internacional. Para ela, as declarações recentes de governos e do G-8 sobre Doha “têm cunho muito político, de sinalizar que não vão repetir os erros de 30”. Ela lembra que um dos países que protagonizaram o impasse que impediu um acordo na reunião de julho da OMC foi a Índia, onde Lula estava anteontem discursando a favor de Doha.

DIVERGÊNCIAS - Índia e Estados Unidos teriam divergido sobre salvaguardas à importação de produtos agrícolas por países em desenvolvimento, dada a importância da agricultura familiar entre os indianos. “Se basicamente foi só essa questão das salvaguardas mesmo, se for só isso, pode ser que seja possível um acordo. Mas a época é a pior possível por causa das eleições nos Estados Unidos e na Índia (em 2009)”, disse Lia.

Sandra Rios, sócia e diretora do Centro de Integração e Desenvolvimento (Cindes), considera “pouquíssimo viável” um acordo em Doha. Argumenta, inclusive, que com as grandes incertezas devido à crise internacional é difícil traçar os cenários para os próximos anos que permitem fundamentar as decisões para acordos. Para ela, pronunciamentos como o do G-8 mostram o receio de que a crise provoque o recrudescimento de medidas protecionistas e constituem uma mensagem “muito importante” para os políticos de cada país evitarem o protecionismo e fortalecerem o sistema multilateral.

Gávea vai aumentar aporte na Cosan – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 17/10/2008

A Gávea Investimentos, gestora de recursos liderada pelo ex-presidente do Banco Central Armínio Fraga, vai elevar os investimentos na Cosan, uma das maiores produtoras de açúcar e álcool do mundo. A Gávea vai investir até US\$ 150 milhões na compra de ações da Cosan. No início do mês, o acordo previa um investimento de até US\$ 130 milhões.

Além dos recursos da Gávea, o maior acionista da Cosan, Rubens Ometto Silveira Mello, comprometeu-se a investir, diretamente ou por meio de outra entidade sob seu controle, outros US\$ 50 milhões na companhia. Com isso, a Cosan receberá um novo aporte de capital de US\$ 200 milhões, acima dos US\$ 180 milhões anunciados no início de outubro.

De acordo com comunicado da empresa, os recursos serão usados no “fortalecimento da estrutura de capital do grupo Cosan, visando suportar seus projetos de expansão, incluindo possíveis aquisições futuras e demais fins corporativos”. Em entrevista recente, Rubens Ometto disse prever, apesar de toda a crise financeira global, um momento de expansão para a empresa. “Nós estamos capitalizados, o que é uma condição ímpar no setor e no empresariado brasileiro”, disse o empresário.

Crise deve afetar setor sucroalcooleiro – Folha de São Paulo – Dinheiro – 14/10/2008

A crise de crédito é uma ameaça à expansão do setor sucroalcooleiro no Brasil e pode reduzir a demanda por etanol, com as previsões de uma desaceleração nas vendas de carros flex, disse a trading ED&F Man, num relatório mensal divulgado ontem.

Alívio só para os exportadores, que vão se beneficiar com a desvalorização do real. Com o dólar fortalecido, a tendência seria uma alta de investimentos, o que não deve ocorrer, com o crédito curto.

O crédito menor também limita as vendas de carros flex, responsáveis em boa parte pela demanda doméstica do setor. "O aumento anual na demanda pode ver uma desaceleração significativa para a próxima temporada", diz o estudo.

Indústria sucroalcooleira já se desacelera – Agnaldo Brito – Folha de São Paulo – Dinheiro – 15/10/2008

A indústria sucroalcooleira dá os primeiros sinais de recuo. Um pequeno recuo. A nova previsão é que dos 86 empreendimentos esperados pelo setor até 2012, entre 8 e 10 serão afetados pela crise. Não significa que serão abandonados, mas não ficarão prontos até o prazo previsto.

Segundo Carlos Roberto Silvestrin, vice-presidente da Cogen-SP (Associação Paulista de Cogeração de energia), os projetos com investimentos na formação de canaviais já plantados não deverão ser paralisados. "O empreendimento muda de mão, mas não pára", garante. Marcos Jank, presidente da Unica (União da Indústria da Cana-de-Açúcar), não quis avaliar eventuais cortes nos investimentos. Até 2012, a indústria tinha projetos para gastar US\$ 33 bilhões em investimentos.

Jank não nega o risco de um freio no setor, mas avalia que se a indústria tivesse como perspectiva apenas o mercado interno, o risco seria maior. Isso porque o efeito do crédito na compra de veículos, com tecnologia bicomcombustível, poderia segurar o aumento da demanda por álcool combustível. Hoje, 90% dos carros montados e vendidos no país são flexíveis. O setor acha que as exportações, o mercado alcoquímico e de bioeletricidade sustentarão os investimentos. **(AB)**

Crise paralisa novos projetos de usinas de açúcar e álcool – Marcelo Toledo e Lucas Reis – Folha de São Paulo – Dinheiro - 25/10/2008

Metade das usinas de álcool e açúcar que estavam previstas para entrar em funcionamento nesta safra no centro-sul do país teve seus projetos adiados ou o ritmo das obras desacelerado em razão da crise de crédito que atinge a economia.

A afirmação é do secretário de Estado da Agricultura e Abastecimento, João Sampaio, para quem a onda de fusões e aquisições entre usinas em São Paulo deve ser ampliada nos próximos anos, como forma de sobrevivência das empresas.

Ao todo, 35 usinas deveriam entrar em operação na safra 2008/9. "Menos da metade vai entrar. O resto foi postergado. Esse é o número com que o Estado está trabalhando", afirmou o secretário, que disse seguir o que o mercado discute.

Parte das novas usinas tem como origem grupos sucro-alcooleiros já instalados em São Paulo que, por causa da saturação do Estado, buscam a expansão principalmente em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

Na Usina São Francisco, em Sertãozinho, região de Ribeirão Preto, todos os investimentos já foram adiados. "Suspendemos todos os projetos até que a gente possa saber até onde vai a crise", disse Jairo Balbo, diretor industrial da usina.

Entre os projetos suspensos está a ampliação da Usina Uberaba, cuja previsão era ter início neste ano. "A terceira fase está parada. A idéia era iniciar a nova fase para ampliar a moagem da cana. Agora, estamos sem previsão para isso", afirmou. Em relação a novas usinas, ele diz: "Nem pensar".

Irreversíveis - O usineiro Maurilio Biagi Filho, presidente da Usina Moema, afirmou que a crise só não vai jogar para os anos seguintes os projetos cujos estágios eram considerados "irreversíveis". "A crise está aí. Ela demora um pouco para aparecer, mas vai empurrar uma série de investimentos para os próximos anos, vai empurrar um pouco as decisões do setor. A não ser alguns locais em que [as obras] estavam em ponto irreversível."

Para o secretário da Agricultura, as empresas do setor terão que se unir por causa do crédito escasso, o que implicará fusões. "Há uma tendência de as usinas pequenas serem incorporadas. Era um processo de consolidação que iria ocorrer nos próximos anos. Isso vai ser acelerado. Provavelmente, se a crise continuar por um período mais longo, algumas usinas farão a safra de maneira diferente, vão se buscar, se juntar", disse.

O grupo Santelisa Vale, um dos principais produtores de açúcar e álcool do país, viu sua dívida crescer após a alta do dólar: com dívidas de US\$ 300 milhões, o total subiu cerca de R\$ 200 milhões desde o início da escalada do dólar. A dívida passou a existir a partir da fusão entre as empresas dos grupos Santa Elisa e Vale do Rosário, em 2007, de acordo com a assessoria do grupo. As de curto prazo estão sendo refinanciadas -os contratos de longo prazo serão mantidos. A expectativa da empresa é que os estoques, voltados à exportação, compensem o valor da dívida.

Para a Unica (União da Indústria de Cana-de-açúcar), no entanto, o cenário é diferente. "Das 32 usinas que estavam previstas para entrar em funcionamento no centro-sul do Brasil, apenas 3 não vão entrar", disse Sérgio Prado, diretor da entidade em Ribeirão Preto. Para ele, não há motivos para preocupação no setor.

"Apesar da crise, novas usinas poderão entrar em operação. Aquele projeto que estava em andamento não vai parar. O crédito está restrito, mas o dinheiro não sumiu. Uma hora vai acontecer novamente."

POLÍTICA NACIONAL DE BIOCOMBUSTÍVEIS

Etanol

Consea debate produção dos agrocombustíveis – Sítio Eletrônico do MDS – 29/10/2008

A ministra interina do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), Arlete Sampaio, participou da abertura da VII Reunião Ordinária do Consea, em Brasília (DF)

“Modelo agroalimentar e a produção dos agrocombustíveis: questões e impactos na soberania e segurança alimentar e nutricional”. Esse foi o tema discutido na manhã desta quarta-feira (29/10), durante a VII Reunião Ordinária do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea), no auditório do Anexo do Palácio do Planalto, em Brasília (DF). A Reunião foi aberta pela ministra interina do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Arlete Sampaio, e prossegue até às 17h30, com exposições e debates sobre “Terra e direitos patrimoniais na ótica da soberania e da segurança alimentar e nutricional”.

Arlete Sampaio lembrou que as pautas do Consea são importantes para subsidiar as discussões que o governo tem feito sobre fontes renováveis de energia. Além disso, contribuem para tomada de decisões que garantam a segurança alimentar e nutricional no País. De acordo com o representante da Câmara Interministerial de Segurança Alimentar e Nutricional (Caisan)*, Arnoldo Campos, a área agrícola brasileira aumentou 800 mil hectares, nos últimos quatro anos, o que proporcionou um aumento de 24 milhões de toneladas de alimentos, comparando-se a safra agrícola 2003/2004 com a safra agrícola 2007/2008. No mesmo período, a produção de carnes teve aumento de 6,7 milhões de toneladas e a de leite de 7 bilhões de litros.

Segundo Campos, a produção agrícola tem se elevado no Brasil desde 2003 sem haver competição entre alimentos e biocombustíveis. Lembrando que há um debate sobre o assunto, que deve futuramente chegar ao Congresso Nacional, ele explicou que existe um movimento forte para regulamentar a cadeia produtiva no País, com normas, por exemplo, para a preservação das áreas nativas, mesmo em terras particulares; e proteção de áreas para alimentos.

Na reunião desta quarta-feira, foi apresentado o “*Modelo agroalimentar e a produção dos agrocombustíveis; questões e impactos na soberania e segurança alimentar e nutricional*”, um documento com subsídios para discussões na Conferência Internacional de Biocombustíveis, a se realizar em novembro, em São Paulo (<http://www.biofuels2008.mre.gov.br/>). A partir das 14h, os integrantes do Consea ouvirão representantes da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e do Instituto Nacional de Colonização de Reforma Agrária (INCRA), que farão exposição sobre o tema “Terra e Direitos Patrimoniais na ótica da Soberania e da Segurança Alimentar e Nutricionais”.

Pela manhã, na abertura da reunião, além da ministra interina Arlete Sampaio, estiveram presentes o secretário nacional de Segurança Alimentar e Nutricional do MDS, Onaur Ruano; o presidente do Consea, Renato Maluf; o presidente nacional da Central Única dos Trabalhadores e coordenador do GT de Bionergia do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES), Artur Henrique da Silva Santos.

**Composta por representantes de 19 órgãos do governo, a Caisan - instalada em abril deste ano – é coordenada pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). Criada pelo Decreto nº 6.273, de 2007, a Câmara integra o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Sisan), ao lado da Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, do Consea, dos órgãos que tratam da segurança alimentar nos governos federal, estadual, municipal, e também de instituições privadas que respeitem os critérios, princípios e diretrizes do Sisan. *Súsan Faria*

Não haverá plantio de cana-de-açúcar no Pantanal, garante Minc – Sítio eletrônico do MMA – Carlos Américo - 30/10/2008

O ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, reafirmou nesta quinta-feira (30), durante a 52ª Reunião Extraordinária do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama), que não haverá plantio de cana-de-açúcar no Pantanal.

Com base na resolução do Conama 001/1985, o plantio de cana-de-açúcar no Pantanal foi vedado na elaboração do Zoneamento Agroecológico da Cana-de-Açúcar, exceto em áreas no planalto pantaneiro onde já existem plantações há mais de 10 anos.

Mesmo assim, nessas áreas do planalto pantaneiro apenas será permitido o plantio direto, sem uso de máquinas ou agrotóxicos. Na planície, será proibido qualquer tipo de plantio de cana-de-açúcar. A intenção é diminuir erosões e o assoreamento dos rios.

Para Minc, as resoluções do Conama tem peso de lei. Ele afirmou que apesar das diversas interpretações do governo sobre o tema, o que prevaleceu foi o respeito à resolução do Conama .

O Zoneamento Agroecológico da Cana-de-Açúcar também proíbe o plantio de Cana-de-Açúcar na Amazônia, com exceção as usinas já existentes na região - três usinas já instaladas nos estados do Acre, do Amazonas e do Pará, e uma com projeto aprovado no estado de Roraima.

O Zoneamento Agroecológico da Cana vai nortear a expansão da cultura para a produção de etanol. Os estudos estão praticamente concluídos. Foram identificados 65 milhões de hectares de terras, integralmente fora dos biomas Amazônia e do Pantanal, que atendem aos critérios de produtividade e de proteção ambiental fixados como premissa. Desses, o governo escolherá seis hectares, terra suficiente para cumprir a meta de aumentar em 11% ao ano a produção do etanol, estabelecida no Plano Nacional de Mudanças Climáticas.

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Etanol

Republicano pede fim de taxaço a etanol brasileiro – Estado de São Paulo – Internacional – 16/10/2008

“Quero eliminar a tarifa sobre a importação de etanol de cana-de-açúcar do Brasil e eliminar os subsídios ao etanol aqui (de milho), que distorce o mercado e infla os preços”, disse o candidato presidencial republicano John McCain, ainda nos primeiros minutos do debate de ontem, acusando seu rival democrata de defender o protecionismo.

McCain acrescentou que o fim do subsídio à produção do etanol dos EUA traria como resultado “bilhões de dólares” em economia para os contribuintes americanos. Logo depois, McCain criticou Obama por nunca ter viajado para a América Latina e defendeu o estabelecimento de tratados de livre comércio com Peru e Colômbia. Também atacou o rival por querer “reunir-se sem condições prévias” com o presidente venezuelano, Hugo Chávez. O democrata não mordeu a isca. Sobre a questão energética, limitou-se a defender a eliminação da dependência americana do petróleo até 2020, substituindo-o por energias alternativas e limpas.

França vai cortar subsídio ao etanol – Jamil Chade – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 21/10/2008

O governo da França anuncia que vai cortar os subsídios à produção do etanol, o que deve abrir mercado para as exportações brasileiras. Em seu orçamento para 2009, o presidente francês da França, Nicolas Sarkozy, sugere uma redução dos subsídios até que seja totalmente eliminado em 2012. A decisão é uma das primeiras em toda a Europa e reduz as distorções no mercado.

Nos últimos meses, a ONU e sua agência para agricultura e alimentação (FAO) vêm alertando para os efeitos nocivos dos subsídios que, apenas nos países ricos, atingem US\$ 13 bilhões por ano. Os recursos acabam distorcendo os mercados e afetando a capacidade do etanol brasileiro de competir de igual para igual com a produção européia. Apesar de ser mais competitivo, o produto brasileiro não consegue avançar diante das barreiras comerciais e dos subsídios que tentam incentivar a produção local.

A proposta, que já foi aprovada no Comitê de Finanças do Parlamento francês e aguarda aprovação da Assembleia Nacional, indica que a ajuda fiscal ao etanol deve cair de 27 centavos de euros por litro em 2008 para 17 centavos em 2009. Em 2003, a ajuda chegava a 50 centavos de euro por litro. A queda foi de 40% em apenas seis anos e o governo espera economizar US\$ 400 milhões apenas em 2009 com o corte de subsídios.

Os produtores alegam que uma ajuda inferior a 21 centavos de euro tornará o produto inviável. Para Alain d'Anselme, presidente do Sindicato Nacional de Produtores de Álcool, as conseqüências da queda dos subsídios serão “catastróficas”. Na França, o etanol é produzido com cereais ou açúcar de beterraba.

Os subsídios continuariam a cair até sua eliminação, em 2012. Para o sindicato de produtores, trata-se de uma “morte programada”. Os produtores estimam que terão de demitir 25 mil pessoas. O setor alega que investiu US\$ 1 bilhão nos últimos anos.

Na avaliação dos especialistas internacionais, os subsídios tornam a produção do etanol ambientalmente insustentável. O governo francês alerta que, ao subsidiar o etanol, as autoridades estão indiretamente forçando um preço mais alto para as commodities. Também indicou que as multas que estão sendo impostas a empresas que vendem gasolina sem a misturem com o etanol são altas o bastante para que sirvam como incentivo ao setor. Hoje, 5% de etanol precisa estar misturada à gasolina. Até 2010, a atingir 10%.

Em termos ambientais, o impacto dos subsídios também é negativo, já que estaria promovendo a produção de um combustível que não é competitivo e gera mais emissões de CO2 para sua fabricação que a gasolina. Os subsídios ainda incentivariam um maior desmatamento de área que deveriam ser mantidas como protegidas. Analistas já apontam que haverá alta nas exportações brasileiras para a Europa, já que poderão competir em melhor situação com o etanol local. Em quatro anos, as importações européias aumentaram cinco vezes, passando de 3 milhões de hectolitros para mais de 14 milhões em 2008.

O Brasil é responsável por 70% desse fluxo. A entidade France Nature Environnement já comemorou a decisão. “O fim dos privilégios fiscais aos biocombustíveis significa colocar as necessidades alimentares mundiais acima da produção de energia”, afirmou. Mas, para Sarkozy, o fim dos subsídios não significa uma revisão das metas de expansão do setor do etanol e seus diplomatas garantem que as bombas de gasolina com 10% de etanol começarão a funcionar em 2009.

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Georges Flexor, Jorge Romano, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Lauro Mattei e Ademir A. Cazella

Assistentes de Pesquisa
Karina Kato e Silvia Zimmermann

Secretária
Diva de Faria

op
pa **Observatório de Políticas**
Públicas para a Agricultura

CPDA Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214
Fax: 21 2224 8577 – r. 217
Correio eletrônico: oppa@ufrj.br
Site eletrônico: www.ufrj.br/cpda

Apoio



actionaid



nead

Ministério do
Desenvolvimento Agrário

